



UNIVERSIDADE FEDERAL DO RIO GRANDE DO SUL

INSTITUTO DE LETRAS

AUDREY CAROLINE DE PAULA SOUZA

**GETÚLIO VARGAS EM *INCIDENTE EM ANTARES*, UM PERSONAGEM
METAFICCIONAL**

PORTO ALEGRE,

2012.

AUDREY CAROLINE DE PAULA SOUZA

**GETÚLIO VARGAS EM *INCIDENTE EM ANTARES*, UM PERSONAGEM
METAFICCIONAL.**

Trabalho de conclusão de curso apresentado à
Universidade Federal do Rio Grande do Sul, como
requisito parcial do título de licenciada em Letras.

Professor Orientador: Antonio Barros de Brito
Junior.

PORTO ALEGRE,

2012.

Com muito amor e carinho dedico este trabalho à minha família e aos meus amigos, em especial à minha irmã Gabriela, minha companheira, melhor amiga e fiel escudeira.

AGRADECIMENTOS

Aos meus pais, por todo amor e dedicação que sempre depositaram em mim.

À minha família, por me mostra quem eu sou e de onde vim.

Aos amigos, que sempre me apoiaram e fizeram de cada momento mais divertido.

Ao meu Professor Orientador, que com sua capacidade e empenho me apoiou durante toda esta pesquisa.

RESUMO: Passando-se na fictícia cidade de Antares, no estado do Rio Grande do Sul, a obra de Érico Veríssimo, intitulada *Incidente em Antares* conta ao leitor muito mais do que o fato dos mortos que levantam-se do coreto para protestar no centro da cidade, conta também, de forma alegórica, um pouco do comportamento da sociedade da época, principalmente dos poderosos. Realizando na primeira parte do livro uma espécie de retrospectiva história, Érico introduz na trama o personagem de Getúlio Vargas, que será a fonte de análise deste trabalho para tentar compreender a relação entre ficção e história que preenchem esta trama.

Palavras – chaves: Getúlio Vargas, metaficção historiográfica, Incidente em Antares, Érico Veríssimo, história.

ÍNDICE

1. INTRODUÇÃO.....	7
2. GETÚLIO VARGAS EM <i>INCIDENTE EM ANTARES</i>	9
3. A ESTRUTURA DO ROMANCE.....	24
3.1 OS MOMENTOS HISTÓRICOS DO ROMANCE.....	27
3.2 A QUESTAO DA LIBERDADE.....	37
4. CONSIDERAÇÕES FINAIS.....	39
5. BIBLIOGRAFIA.....	42

1. INTRODUÇÃO

Este trabalho de conclusão de curso se propõe a analisar a obra *Incidente em Antares*, de Érico Veríssimo, e dentro dela, mais precisamente, o personagem de Getúlio Vargas. Personagem histórico importante dentro da história política de nosso país, Getúlio Vargas é também um personagem de ficção importante dentro do romance de Érico Verissimo.

Passando-se na cidade fictícia de Antares, no estado do Rio Grande do Sul, o personagem de Getúlio Vargas é um apoio importante do qual Érico utiliza-se para trazer veracidade à sua história, assim como trazer a reflexão do momento político recente ou até mesmo presente (ao momento de lançamento da obra) que o país viveu.

Dentro desse contexto político, Getúlio é figura de extrema importância, tanto em caráter regional, na política do Rio Grande do Sul, como posteriormente, do Brasil, onde seu governo acompanha as imensas mudanças que o país vive, quando começa a sentir as mudanças da recém-chegada modernização.

Getúlio Vargas aparece na história quando ainda almejava uma carreira de deputado federal e necessitava do apoio dos então "poderosos" do estado. Dentre esta busca de apoio Getúlio decide fazer uma visita aos dois senhores mais poderosos de Antares, Sr. Benjamin Campolargo e Xisto Vacariano, representantes do velho poder oligárquico do Rio Grande do Sul e patriarcas das duas famílias mais poderosas da cidade, famílias que são rivais declaradas, com históricos de violência extrema nos conflitos entre integrantes de ambas.

A visita de Getúlio tem por missão instaurar a paz entre os dois senhores da cidade, para que então, juntos, possam, de uma maneira mais forte, apoiar Getúlio em sua candidatura e nos seus planos futuros. Com seu plano concretizado e o apoio de inúmeros poderosos, a história do Brasil vai correndo, assim como a de Antares, que se configura como uma espécie de retrato do resto do país, que vive um momento político movimentado.

Diante destes fatos verificados dentro do romance, buscaremos neste trabalho encontrar algumas respostas sobre essa relação da história e da ficção, tendo como marca principal de análise o personagem de Getúlio Vargas, buscando responder se este retrato é condizente com o personagem histórico, ou se sofre transformações na obra, se tornando, antes, um personagem ficcional. Para isso, será analisado o seu papel no romance, rastreando as consequências de sua presença, seus diálogos e as referências a seu nome ao longo da narrativa. No final deste trabalho, buscaremos concluir se Getúlio Vargas é um personagem em conformidade com sua biografia histórica, ou se está em desconformidade, para então, a partir da teoria da metaficção historiográfica, definida por HUTCHEON(1988) como a ficção contemporânea que está nos (i)limites do pós-moderno, em que as fronteiras são explicitamente fluidas entre o romance e a coleção de contos, entre o romance e o poema longo, o romance e a biografia, o romance e a história, para então analisar seu acarretamento para o romance e suas relações, procurando compreender melhor qual o resultado desta mistura entre história e ficção nesta obra de Érico Veríssimo.

2. GETÚLIO VARGAS EM *INCIDENTE EM ANTARES*

É em mais um dia de verão do Rio Grande do Sul, mais precisamente no ano de 1925, que pela primeira vez Getúlio Vargas é citado no romance: "Um dia, no princípio do verão de 1925, aparece sorrateiro em Antares um membro da prestigiosa família Vargas, de São Borja." (VERÍSSIMO, 1971, p. 47). Getúlio chega a Antares sem avisos e pega as duas famílias mais importantes da cidade de surpresa. Já era, então, deputado federal pelo partido republicano do Rio Grande do Sul.

Em seguida, alguns adjetivos são usados pelo narrador para tentar descrever um pouco melhor a personalidade desse ilustre visitante, e também, de certa forma, justificar suas futuras ações. Descrito, entre outras coisas, como sereno, de feições agradáveis e possuidor de qualidades carismáticas (dito ainda de não todo reveladas), Getúlio já era uma pessoa bastante respeitada, inclusive, pelos poderosos da cidade.

“Dizia pouco, mas perguntava muito. Frio, solerte, sabia jogar com dois fatores importantes na vida: o tempo e as fraquezas humanas.” (VERÍSSIMO, 1971, p. 47)

A primeira aparição de Getúlio se dá em um momento histórico bastante importante para o Rio Grande do Sul e para o Brasil. A aparição do então deputado federal condiz com as atitudes políticas que este vinha realmente tomando na história política do estado. Getúlio vinha aliando forças, trazendo os poderosos para o seu lado e juntando aqueles que por ora eram rivais em torno de um bem que dizia ser maior, o do Rio Grande. Com esta desculpa, e com as características acima citadas, principalmente seu carisma quando lhe convinham, Getúlio foi unindo forças para o seu lado.

A família de Getúlio Vargas já era bastante conhecida no Estado antes mesmo de sua ascensão política. Vindo de uma família importante de São Borja, Getúlio teve provavelmente em seu pai, Manuel do Nascimento Vargas, sua maior influência na política e na carreira militar. Quando menino, na fazenda de Itu, por muitas vezes assistiu ao pai ir para guerras com o exército, enquanto ele esperava.

Logo, a figura ficcional de Getúlio, introduzida no romance por Érico Veríssimo, é de início condizente com a figura histórica do homem, presidente e ditador do Brasil. Apesar de ir à uma cidade fictícia, à procura de personagens fictícios, sua atitude está de acordo com o que se sabe das atitudes que possuía no período histórico equivalente ao do romance. Antares é, já aqui, uma alegoria de outra cidade pequena qualquer do Estado, com seus coronéis poderosos que, apesar do início da modernização econômica do Brasil, ainda lutavam por manter seu poder.

Getúlio, ao visitar Antares, tem um objetivo: estabelecer a paz entre os dois senhores mais importantes e rivais da cidade: Xisto Vacariano e Benjamim Campolargo, para que juntos, possam unir forças ao seu lado, em suas futuras ambições. O encontro é marcado na casa de um amigo em comum, neutro na rivalidade e na política, mostrando já suas poderosas artimanhas para alcançar seus objetivos. A cena que se segue descreve este inusitado encontro, e mostra, acima de tudo, como Getúlio Vargas possui imenso poder de persuasão para com os patriarcas rivais, fazendo assim, jus à sua fama de conciliador. Segundo o narrador, os dois inimigos, quando perceberam, já estavam juntos, de maneira constrangida, em uma sala trancada, com Getúlio, sem ainda saber o objetivo deste. (VERÍSSIMO, 1971, p.48)

Fazendo uso de todo seu "jogo de cintura", Getúlio abre imenso sorriso, oferece-lhes de beber, ascende um charuto, para então, como um árbitro (segundo o próprio narrador), começar a preparar o resultado de uma luta. Dá-se início então ao discurso de Getúlio: ele vem a mando de seu pai, o "velho Manuel", fazer um pedido aos dois. Assim, a família Vargas mostra sua importância e reconhecimento na história, não ficando somente restrito a Getúlio. Segue seu discurso dizendo que os fins justificam os meios: "- Perdoem-me pela 'traição' - disse ele. - Quando os fins são bons, às vezes temos de fechar os olhos à natureza dos meios." (VERÍSSIMO, 1971, p.48). Ainda em seu discurso, diz que o mundo está à beira de uma nova Era, e aqui, talvez propositalmente, a palavra Era, com letra maiúscula, remete à futura Era Vargas, que se seguiria na política de nosso país, deixando assim, mais uma vez, por parte do narrador, dicas dos acontecimentos futuros envolvendo Vargas. "- Precisamos pacificar definitivamente o Rio Grande para podermos enfrentar unidos o que vem por aí..." (idem, ibidem), diz Getúlio, em mais uma de suas frases

proféticas. O amor ao Rio Grande foi outra justificativa usada por Getúlio, para que se estabelecesse a paz entre os dois patriarcas, seguindo mais uma de suas profecias sobre o futuro do Brasil e do Rio Grande, dizendo que este último "estava destinado a cumprir no Brasil uma grande missão em prol da unidade nacional" (idem, p. 49.).

O discurso de Getúlio parece embriagar os dois rivais, que em momento algum pedem a palavra, apenas escutando o homem que fala. Mais uma vez aqui, as características de Getúlio, na ficção, condizem com as da pessoa histórica. Getúlio, ainda na faculdade de Direito, alcançou seus primeiros destaques através de discursos que realizou e onde acabava por, de certa forma, expressar suas ideias:

Em razão do falecimento de Júlio Prates de Castilhos (24.10.1903), em sessão de reverência à memória do líder político lhe foi dada a oportunidade de proferir discurso. Mais adiante (agosto de 1906) também foi orador, desta feita em homenagem a Afonso Pena. (DÓRIA, 2008, p. 85).

Getúlio segue sua oratória citando políticos, como Pinheiro Machado, e falando da atual situação política do Brasil, onde o poder permanecia sempre em mãos de paulistas ou mineiros: "- Não é justo que o chimarrão tenha também a sua vez?" (VERÍSSIMO, 1971. p. 49), diz Getúlio, buscando em seus ouvintes avivar o amor ao Rio Grande como uma causa maior a qualquer desafeto e que com a inimizade entre famílias tão poderosas, era o Rio Grande quem perdia forças.

E assim, Getúlio aparece em Antares, tendo sua "missão" realizada com sucesso: através dele, em nome de seu pai, ou do amor ou Estado, fato é que Benjamim Campolargo e Xisto Vacariano apertaram as mãos, declararam paz e trocaram suas primeiras perguntas cordiais, concordando com a ideia de tratado de paz de Getúlio, aceitando publicar no jornal local e em outros importantes jornais do Estado, declarando a reconciliação: "- Tenho aqui um manifesto já preparado. Vou ler para ver se os amigos estão de acordo com os seus termos...", (idem, p. 51) diz Getúlio, já muito bem preparado para o sucesso de sua empreitada.

De certa forma, a união pacífica entre as duas famílias representa também o início do fim de um imenso poder dos coronéis da época, e de uma nova ordem econômica e social, que teria em Getúlio Vargas seu marco inicial, uma era onde a vida rural perderia cada vez mais forças, e a vida urbana e a industrialização tomariam conta do Brasil.

Após o estabelecimento do tratado de paz, Xisto e Benjamim, em suas respectivas casas, refletem sobre o acontecido, que mudaria o rumo da história política de Antares. Ambos deram suas versões da história para suas respectivas famílias, como que envergonhados por terem aceitado estabelecer a paz, e acabaram por falecer em seguida, Benjamim, no mesmo dia, e Xisto, menos de uma semana depois, levando as famílias a trocar coroas de flores nos respectivos funerais. De certa forma, a nova aliança formada entre as famílias é lida como uma metáfora para o novo momento político que o Rio Grande do Sul viverá. Um momento com maior consenso político, do fim de uma era de disputas internas para dar-se início a disputas maiores, para além das fronteiras do Estado. Esta união tem em Getúlio o seu símbolo.

Assim, no que concerne aos fatos no interior do romance, os descendentes da Campolargo e Vacariano deram início a uma nova fase, marcado pela boa relação entre as famílias, principalmente entre os seus dois novos chefes e suas respectivas damas. A mudança nas duas famílias não se daria apenas ao fato de agora terem uma amizade. Os dois grandes representantes das duas famílias já em muito diferiam dos de outrora. Zózimo, da família dos Campolargo, pouco se interessava pela política, terreno no qual sua esposa possuía muito mais conhecimento e interesse. Tibério era um homem dado aos seus interesses próprios, e achou na política uma forma de ganhar dinheiro e manter seu poder, muitas vezes de maneira ilegal, com o consentimento de Getúlio Vargas, que parece saber e ser conivente com tudo. Ambas as famílias ainda lutavam com todas as forças para manter seu poder, e com isso, lutavam contra as mudanças na política econômica do país. Aqui, apesar de Érico não deixar explícito, podemos perceber nas entrelinhas uma crítica do autor à postura de Vargas, que era de certa forma cúmplice das ilegalidades que aconteciam em seu governo, como no caso de Tibério, para quem Vargas agiu como uma espécie de facilitador enquanto a aliança política lhe era indispensável. Se por um lado, Tibério via no governo Vargas uma possibilidade de manter seu poderio e aumentar sua riqueza, Getúlio

também se aproveitava, concedendo vantagens para aqueles que julgava importante ter ao seu lado durante seu governo.

Desse modo, tanto Tibério quanto Zózimo, apesar de personagens fictícios, poderiam representar qualquer outro coronel da época, com suas visões políticas que de certa forma também representavam as visões políticas da elite agrária gaúcha da época. Os grandes fazendeiros, chamados coronéis, temiam as mudanças na sociedade da época, que cada vez mais se modernizava e aonde o mundo rural ia perdendo espaço. Essa industrialização atingia a todos grandes fazendeiros da época, principalmente os produtores de café, que era um dos produtos mais importantes para a economia brasileira, e vai perdendo seu espaço com a industrialização.

No ano de 1926, Getúlio Vargas vira mais uma vez notícia em Antares, chegando à cidade a notícia de que assumira o cargo de ministro da Fazenda do gabinete de Washington Luís (como realmente acontecera neste ano na história política do Brasil). Assim como representado no romance, foi com a subida de Getúlio ao ministério que ele começou de fato sua carreira política com amplitudes nacionais, adentrando em um espaço que pertencia, até então, somente a mineiros e paulistas.

Tibério, o novo líder dos Vacarianos, está sempre por dentro do cenário político do estado e do Brasil, e também vai mostrando grande interesse pela figura de Vargas: “- Lá se foi o Baixinho! Vai subir muito alto antes de estourar” (VERÍSSIMO, 1971. p. 53). Essa frase, também com tons proféticos, antecede o novo fato que se segue sobre Getúlio: ter se tornado o novo chefe do Estado do Rio Grande do Sul, dando sequência ao governo de Borges de Medeiros, em 1928. Com um governo conciliatório e sua habilidade política, Getúlio consegue mais tarde unir libertadores e republicanos em apoio a sua candidatura à Presidente da República. Mais uma vez se nota a capacidade de Vargas em unir forças, mesmo que de rivais declarados.

Vendo a iminente tomada de poder por Getúlio, Tibério dá início à campanha eleitoral do “homenzinho de São Borja”. Aqui, Tibério e as eleições em Antares são um retrato do sistema eleitoral do país na época, tomado por fraudes e ilegalidades, fato que não foi diferente na história (VERÍSSIMO, 1971, p. 53).

Em 1930, Washington Luís é proclamado Presidente da República e Tibério, assim como boa parte da população, fica indignado com o resultado: “Fomos esbulhados! Esses ladrões só nos podiam vencer em eleições fraudulentas! Agora só há um caminho: a revolução!” (idem, pp. 53-54). A revolução a que Tibério se referia realmente existiu, sendo um dos momentos históricos mais importantes da história do país. Aqui, mais uma vez, Érico faz seu personagem fictício reviver momentos importantes do Estado e do Brasil, sendo, através dele, feita esta releitura histórica, e trazendo ao leitor fatos reais que fazem a trama do romance parecer verossímil. A chamada “Revolução de 30” foi a abertura de portas do Palácio do Catete a Getúlio, que foi um dos líderes da revolução armada. Vale ressaltar que essa revolução, ocorrida na então República Velha, não fazia de seu então intitulado nome, sua prática. A república em questão era apenas de fachada, pois ela consistia nas oligarquias nacionais e num grande poder militar. O golpe de 30 pouco diferiu da situação política de até então e acabou sendo contrário às suas próprias nomenclaturas: “O golpe armado de 30 – em flagrante contradição com o discurso programático-eleitoral da Aliança Liberal, de feição democrática -, resultou numa ditadura chefiada por Getúlio. Por eufemismo, o governo se intitulou Governo Provisório” (DÓRIA, 2008, P. 90).

No romance, enquanto boa parte da população do Estado se tomava de indignação e apoiava Getúlio Vargas na causa – como é o caso de Tibério -, o outro líder político da cidade, Zózimo Campolargo, parecia aceitar a situação, não simpatizando muito com a revolução, continuando a levar sua vida da mesma maneira, sem dar muita importância aos fatos. Tibério, não se conteve e embarcou de Antares a Porto Alegre, para falar com o próprio Getúlio sobre a situação, ansioso para começar a luta armada, com a ideia de instigá-lo a entrar na revolução: “Mas como é o negócio, presidente? Vamos ou não vamos?” (VERÍSSIMO, 1971, p.54) Ao perceber o receio e a calma de Getúlio, voltou a Antares decepcionado. Quando, meses depois, chegou a Antares o sinal por ele esperado para se dar início à Revolução, Tibério estava já preparado com sua tropa, e assim se dá sua participação na Revolução de 30: “Como observou alguém, não bastara aos gaúchos derrubar o governo federal: era preciso também, numa afirmação de machismos guasca, ridicularizar aquele símbolo da cidade de São Sebastião do Rio de Janeiro” (VERÍSSIMO, 1971, p. 55) Começava aqui a primeira ditadura de Getúlio Vargas.

Já em 1932, com mais uma Revolução, agora por parte dos paulistas, que exigiam uma nova constituição por parte do governo de Getúlio, Tibério mais uma vez formou suas tropas. Zózimo, por seu turno, “simpatizava com a Revolução Constitucionalista”, mas continuava sem fazer nada, apenas ouvindo notícias sobre os acontecimentos. Simpatizante de Borges de Medeiros, que se decidira lutar juntos aos paulistas, contra Getúlio, Zózimo estava decidido a juntar-se a estes, mas com a notícia do aprisionamento de Borges por parte das tropas de Getúlio e com o seu conhecido posicionamento na guerra (contrário a Getúlio Vargas), Zózimo decide buscar exílio na Argentina, cruzando o rio que dividia a cidade com o país vizinho. Sua esposa, Dona Quitéria, porém, permaneceu em Antares.

Na história política de nosso país, esse regime ditatorial seguiu até 1934, e teve como inspiração o fascismo italiano. Nesse governo, Getúlio voltava sua economia para uma sociedade em transformação, que deixava de ser rural, para ser urbana, em um Brasil que ia aos poucos se modernizando e enfrentando as dificuldades deste processo. Este processo é representado dentro do romance através das duas famílias principais da história, que outrora tão poderosas, agora percebem a modernização que toma conta do país, as indústrias crescendo, e seu poder diminuindo. Esta situação fica clara pelo comportamento conservador que tanto Vacarianos quanto Campolargo possuem, sendo contra os trabalhadores, o novo sistema político, e refratários ao comunismo. O conservadorismo, tanto da família e da ordem, quanto da propriedade, fica claro, deixando evidente a preocupação com o poder que as famílias da elite agrária vão perdendo, dentro de um sistema político que vai mudando, em um país, que por sua vez, também vai mudando.

Em 1934, após uma nova constituição adotada, “Getúlio Vargas foi eleito presidente da República pela Assembleia Constituinte, por um período de quatro anos” (VERÍSSIMO, 1971, p. 56), Tibério, então, resolvera fazer uma visita à cidade do Rio de Janeiro e ao novo presidente. Este o recebeu com simpatia e disse ser Tibério seu homem de confiança em Antares. Tibério na verdade queria mais, tinha interesses no que a amizade com Getúlio poderia lhe proporcionar, como empregos públicos, influência e oportunidades.

Tibério passou um mês na cidade, se insinuou para a política e viu um negócio promissor no mundo das negociatas. Tibé, como era chamado pelos amigos, ficou tão

animado com a cidade, que em 1938 voltou. Seu retorno ao Rio de Janeiro ocorria após a proclamação do Estado Novo, que Tibério descrevia como “um golpe genial do Baixinho” (idem, p. 58). A alçada de Getúlio à presidência e a sua presença na então capital federal davam a Tibério certa confiança e entusiasmo para, também, alçar novos caminhos: “O Getúlio compreendeu a coisa. Somos um país subdesenvolvido de analfabetos e indolentes” (VERÍSSIMO, 1971, p. 58). Neste momento do romance, no diálogo entre Tibério e Zózimo, surge pela primeira vez a temática das ditaduras, que aconteciam no então cenário político mundial. Tibério usa o exemplo de Mussolini para justificar as atitudes de Getúlio no Brasil: “É indispensável unificar e organizar a nação com punho de ferro. Vê o caso da Itália... O Mussolini acabou com a anarquia, implantando a ordem e o respeito à autoridade, e os trens já partem e chegam dentro do horário” (idem, ibidem). Vê-se, então, mais uma vez, a necessidade de Érico mostrar a inclinação ao fascismo de pelo menos um representante da elite gaúcha de então.

Assim como descrito por Tibério, no diálogo com seu amigo Zózimo, Getúlio ia deixando cada vez mais claro, através de sua maneira de governar, as suas simpatias pelas então ditaduras em voga no mundo. O novo golpe de Getúlio, intitulado Estado Novo, durou até 1945, acompanhando o delicado momento político mundial, que vivia sua segunda guerra mundial. Nesta segunda ditadura, Getúlio confirmou sua forma autoritária de governar. Neste momento, fora do Brasil, a segunda guerra mundial acontecia, e apesar da simpatia de Getúlio pelo nazismo de Hitler, o Brasil acabou, por motivos econômicos, filiando-se ao Bloco dos Aliados. Ainda nesta fase, o nacionalismo teve seu ápice dentro do país, onde Getúlio bania as oposições e manipulava as propagandas políticas. Assim, criou junto ao povo sua imagem de ‘pai dos pobres’, ao mesmo tempo em que a população ia perdendo sua liberdade.

A questão da liberdade é um dos focos principais da trama de Érico Veríssimo, que, no final do romance, deixa claro sua revolta pela então censura que sofria a população, no ano de 1967: na última página no livro, após todo acontecimento do “incidente” na cidade, quando a vida vai voltando ao normal, um menino que está aprendendo a ler e caminha com o pai pela rua passa por um homem que está sendo preso pela polícia. No muro, atrás da cena, o menino tenta ler a palavra pintada: liberdade... Mas é interrompido pelo pai, pois

não poderia pronunciar aquela palavra ali. Esta cena é uma alegoria para mostrar o descontentamento de Érico perante a falta de liberdade do cenário político em que se encontrava, de ditadura militar.

No romance, assim que chegou ao Rio, Tibério vai “visitar Getúlio Vargas e reafirmar lhe a sua solidariedade pessoal e política” (VERÍSSIMO, 1971, p. 59). Neste momento do romance Getúlio é chamado pelo narrador de ditador, e Getúlio, por sua vez, diz estar feliz por Tibério compreender o espírito do Estado Novo. Em seguida, os frutos de sua amizade com o presidente da República começam a ficar evidentes, tais como a compra de um apartamento no Rio de Janeiro, conseguido graças a um empréstimo no Banco do Brasil, facilitado por Getúlio Vargas, a abertura de seu escritório de advocacia, onde na verdade Tibério “vendia influência”, conseguida graças a sua boa relação com pessoas importantes no cenário governamental, tais como o próprio Getúlio. Assim, O chefe dos Vacarianos foi criando sua vida na Capital Federal, ajudando aqueles a quem lhe convinha, fazendo dinheiro com negócios fraudulentos, rodeado de mulheres e jogatinas, vivendo metade do ano no Rio de Janeiro, e a outra metade em Antares; mantendo assim o poder a que tanto presava, Tibério vai se ajustando ao novo cenário político e econômico brasileiro.

No ano de 1943 a ditadura de Getúlio começara a ser fortemente contestada, e inúmeros manifestos surgiam no Brasil. Tibério não ficou indiferente aos fatos, e percebeu a quebra da hegemonia do poder do regime getulista. O chefe dos Vacarianos percebia as contradições políticas do regime e pensava, já, em uma “retirada”. Aqui, a crítica de Tibério contra o governo ditatorial não era por não concordar com seu sistema, mas, principalmente, por ver que Getúlio já não tinha o poder de outrora e que começava a ganhar muitos inimigos e pessoas contrárias ao seu governo. Desse modo, Tibério, como viria a demonstrar depois, não estava muito disposto a lutar ao seu lado, mesmo na adversidade, e sim, ficar onde lhe parecesse mais seguro e valioso.

Foi com este cenário que o ano de 1945 entrou, e com ele vieram à tona no romance novas características da então política de Getúlio, tais como a falta de liberdade de expressão por parte da imprensa e de artistas e escritores, os apelos por eleições presidenciais com voto secreto e o comportamento do então Departamento de Imprensa e

Propagando, o DIP. Para Tibério, que pouco se importava com a falta de liberdade e já havia demonstrado sua simpatia pelos governos ditatoriais e fascistas, o DIP havia “perdido a mão” ao permitir que jornais se posicionassem claramente a favor de novas eleições, escrevessem livremente sobre a “redemocratização do Brasil”, numa amostra clara de como estava o nível de liberdade de imprensa no país (VERÍSSIMO, 1971, p. 63). Comentava também sobre a União Nacional dos Estudantes, a UNE, que realizava manifestos em busca de democracia. Para Tibério, isso tudo era um grande erro, muita liberdade a quem não se devia, e ele já achava Getúlio silencioso e afastado: “O ditador, que fazia muito andava silencioso, marombando, concedeu à imprensa uma entrevista na qual procurou justificar a sua discutida Constituição de 37, da autoria do prof. Francisco Campos. Quando lhe perguntaram se pretendia ser candidato à reeleição, desconversou” (idem, p. 64).

Ainda sobre o ano de 1945, consta no romance o fato de, em abril, o governo de Getúlio ter concedido anistia aos presos políticos do Brasil, incluindo aqui, o seu grande rival, Luiz Carlos Prestes. As eleições para a presidência nacional haviam sido marcadas para dezembro, devido a grande pressão nacional, e, no meio deste cenário político efervescente, Tibério ia observando o movimentar dos cenários. Percebia que as coisas estavam para mudar, e pensava quem deveria seguir, buscando sempre o bem próprio. Outro ponto que impressionava Tibério era a admiração e carinho que o povo ainda tinha para com Getúlio Vargas, chegando a perguntar ao próprio, em mais uma de suas visitas, por que este não se candidatava novamente em dezembro, já que contaria com o apoio de boa parte da população. Em resposta, “O são-borjense mostrou os belos dentes no seu já lendário sorriso despistador e murmurou: ‘Quem sabe, Coronel?’. E em seguida, meio que se sumiu, envolto na fumaça azulada de seu longo charuto” (VERÍSSIMO, 1971, p. 65).

Os meses iam se passando e Tibério continuava por se envolver e acompanhar os acontecimentos políticos do país e do mundo. A segunda grande guerra acabara, Hitler estava morto, no Brasil havia sido fundado o PTB, o partido comunista havia sido legalizado, etc. O cenário político mundial respirava democracia, com a derrota de nazistas e fascistas na Segunda Guerra Mundial, o foco era a democracia pregada por Estados Unidos e Inglaterra, contra o regime comunista da então União Soviética.

Em outubro, do mesmo ano de 1945, Getúlio Vargas movimentou novamente os acontecimentos do cenário político. Havia sido forçado a renunciar, através de um golpe de estado. Tibério, ao se deparar com tal acontecimento, chegou a ficar com pena do presidente, pensando no quanto aquilo deveria ter sido duro para seu amor-próprio. Dias depois, um sobrinho lhe avisou que Getúlio já se encontrava na sua estância, em São Borja, e perguntou se ele não iria visitá-lo. Tibério não foi. Pensou ser seu dever, pelos tantos favores que devia, ir visitar Vargas, mas achou melhor ficar na sua, pensando que, se fosse visitá-lo, muitos pensariam ser por solidariedade política. Quando questionado pelo amigo Zózimo se Getúlio não era seu amigo, Tibério respondeu: “-Era e é. Mas eu separo o homem do político. São duas coisas diferentes” (VERÍSSIMO, 1971, p. 68). Em seguida os dois amigos começaram a conversar sobre a situação política de Getúlio. Tibério ainda acreditava no poder de Vargas, até mesmo justificando com certo misticismo. Já Zózimo, acreditava estar Getúlio politicamente liquidado.

Quando, nas eleições de dezembro, Getúlio foi eleito deputado e senador, com um excelente número de votos, Tibério refletiu que não se enganava quanto ao prestígio político do ex-ditador. Começou, então, a querer visitar Vargas novamente, pedindo a um amigo que “sondasse” para ver como seria recebido. A resposta veio rápida e curta, Getúlio não o receberia.

Neste momento histórico-político do país, fixam-se importantes partidos nacionais, o PSD, getulistas, e a UND, antigetulista, além, também do PTB, com força de atuação maior no Rio Grande do Sul, formavam os três maiores partidos do Brasil. No ano de 1950, Getúlio Vargas aceitou sua candidatura à presidência nacional, e este fato foi amplamente discutido em Antares, principalmente nas rodas de chimarrão em frente à Farmácia Imaculada. Os homens de Antares falavam sobre o fato, provavelmente único na história, de um ditador ser expulso pelo exército e voltar ao governo eleito pelo povo. Tibério continuava a achar que os fatos envolvendo Getúlio deveriam ter alguma ligação com o sobrenatural: “Não sei... não sei... acho que o Baixinho tem parte com o demônio” (VERÍSSIMO, 1971, p.71). Nesta mesma rodinha de chimarrão, Tibério lançou uma aposta para quem topasse, que Getúlio Vargas seria eleito nas próximas eleições. Ninguém topou a aposta.

Durante a campanha, o comício do PTB chegou a Antares, e foi realizado na frente do palacete de Tibério, na Praça da República. A praça lotada e os discursos pró-trabalhistas e atacando o capitalismo deixavam o senhor Vacariano repensando a política econômica de Getúlio e achando que este fazia muito mal ao país: “Tudo obra do Getúlio! O mal que esse homenzinho tem feito ao Brasil com as suas leis sociais e as demagogias trabalhistas!” (VERÍSSIMO, 1971, p.73). Tibério, que apoiaria nesta eleição um candidato de seu partido, percebeu não ter feito nada por sua campanha, e não obstante, no dia da eleição, na qual ele ainda não havia se acostumado com o novo ‘voto secreto’, num impulso, votou em Getúlio Vargas.

Apesar de adversário político e de não estar mais apoiando Getúlio, Tibério não consegue negar, em certos momentos, sua simpatia por Vargas. Essa atitude do personagem não fica esclarecida no romance, mas nos possibilita fazer algumas reflexões sobre. Podemos pensar que, assim como boa parte da população brasileira da época, Tibério possuía uma afeição pela figura de Getúlio. Afeição essa resultante da imagem criada pelo próprio ditador, ou também pela identificação, no caso de Tibério e de uma parcela do povo gaúcho, pela questão regional. Tibério poderia também estar se sentindo em dívida com Getúlio, pelos favores a ele prestados, ou simplesmente, achar que o político era ainda a melhor opção. Aqui, vale também ressaltar a própria opinião de Érico Veríssimo sobre o político. Apesar de ser contrário ao seu sistema totalitário de fazer política, e principalmente contrário às violências resultantes de seu governo, ele em algumas entrevistas declarou simpatizar-se com a figura de Vargas, como na entrevista ao jornal *Opinião*, de São Paulo, de 05 de abril de 1973:

Mas não creio nem desejo que o varguismo como estilo político volte a vigorar entre nós. Digo isso sem rancor, pois gostava pessoalmente do homem Getúlio, embora reconhecendo os erros que cometeu. Acho que foi dos personagens mais dramáticos da História do Brasil em todos os tempos. Sinto ainda uma ponta de tristeza quando o imagino (como fazia Dona Quita Campolargo, em Incidente em Antares) em sua última noite de solidão e abandono no Palácio do Catete. (VERÍSSIMO, 1997, p.127)

Getúlio voltou à presidência nacional eleito pelo povo, através da democracia por quem tanto se aclamava. Fato é que, sabendo que a democracia era algo que estava por

chegar, Getúlio soube montar seu cenário para sair ganhando com isso. Criou a imagem de pai dos pobres, fazendo uma política onde a criação de sua imagem era tão importante quanto o sistema econômico, tornou-se o pai dos pobres, para quem também fazia políticas. Sabia assim, que sua imagem junto ao povo estava mantida, que este continuava a apoiá-lo.

Em janeiro de 1951, Getúlio tomava posse, novamente, do cargo de presidente da República. No inverno, Tibério foi novamente ao Rio de Janeiro, tentar reaproximar-se do “Baixinho”, mas não conseguiu. Frustrado, pensou os inúmeros motivos que levariam Vargas a não recebê-lo, e acabou sentindo-se rebaixado e envergonhado por ter pedido novamente a Getúlio que o recebesse. Julgou ser a hora de voltar para Antares, pois lá, no Rio de Janeiro, não era mais pessoa bem quista e que esta cidade não era mesmo para ele.

Os anos foram se passando em Antares e a modernidade foi chegando ao Brasil e aos poucos também à pequena cidade fictícia do Rio Grande. Em 1954, no inverno, Tibério passou duas semanas no Rio, voltando a Antares com novidades do cenário político. Em visita ao casal de amigos, Zózimo e D. Quitéria, comentou que este deveria ser o pior ano da vida política de Vargas. Segundo D. Quitéria, as acusações a Getúlio estavam corretas, pois o mesmo era encorajador das greves dos operários, aumentara o salário mínimo em cem por cento, bem de acordo com as novidades trazidas por Tibério,

a oposição afirma e certos jornais de responsabilidade glosam, é que Getúlio mesmo provoca toda essa inquietação social para criar um clima de confusão do qual ele pessoalmente possa tirar proveito. Dizem que esta procurando pretextos para evitar as eleições presidenciais. (VERÍSSIMO, 1971, p. 85).

O nacionalismo exagerado, os boatos de impeachment, o braço direito de Getúlio, Gregório Fortunato, e o provável abatimento do presidente também foram pautas da conversa. Quando questionado se havia novamente tentado ver Getúlio, Tibério negou e após alegar ter ido apenas para resolver alguns compromissos, disse ter se deparado em uma sala com Gregório, rodeado de pistoleiros, homens de recado, babeiro e até manicure. Gregório Fortunato era, na verdade, chefe da institucionalizada Guarda Pessoal de Getúlio, espécie de capanga que fazia parte do grupo que protegia Getúlio, já nessa época, se

sentindo extremamente desconfortável com as perseguições políticas que sofria, principalmente as de Carlos Lacerda. Segundo Tibério, o “negrão” era bajulado por inúmeras poderosos da República. Dona Lanja, que possuía um carinho quase fraternal por Getúlio, suspirou: “Pobre do doutor Getúlio!” (Veríssimo, 1971, p. 88)

Enquanto a conversa entre os quatro seguia, na parede da sala um retrato estampava o velho Benjamim Campolargo, que há quase trinta anos, graças ao poder de persuasão de Getúlio Vargas, apertara a mão de seu inimigo, Xisto Vacariano. “-Este mundo velho dá cada volta!” exclamou Tibério aos presentes, após olhar fixamente o retrato (VERÍSSIMO, 1971, p. 88). Ninguém o contrariou. Getúlio havia mudado os rumos daquelas duas famílias.

Em agosto daquele mesmo ano, um acontecimento deixou Tibério estarecido, pois este já sabia que o fato mexeria com o cenário político do país, principalmente com o futuro de Vargas: um atentado contra Carlos Lacerda, que resultou no assassinado um oficial da aeronáutica. No Rio de Janeiro houve muita agitação. Tibério julgou ser este o fim de Vargas. No dia seguinte, na rodinha do Imaculada, as notícias vindas dos jornais eram claras, Getúlio deveria renunciar ao cargo de presidente. O assunto deixava todos excitados, repensando os fatos e criando hipóteses para as perguntas ainda sem respostas. Em Antares, o jornal *A verdade* mandara instalar uma sereia que soava a cada notícia importante e não fora diferente com as notícias sobre o crime, atraindo assim, uma multidão a cada soar. A pressão para a renúncia de Getúlio era cada vez maior, boa parte da população o culpava, mesmo que indiretamente, pelo crime, muitos governadores declaravam-se a favor da renúncia, mas Getúlio já havia dito que não renunciaria e que ficaria até o final de seu mandato, dizendo que dali só sairia morto.

Durante as horas que se seguiram, Tibério não conseguia pensar em mais nada a não ser a situação em que Getúlio Vargas se encontrava, com o Catete cercado pelos militares. Este era o único acontecimento que importava, não somente a Tibério, mas a boa parte da população que acompanhava atenta aos novos acontecimentos. Tibério ia seguindo a rotina de seu dia, até que pelo rádio escutou o anúncio de uma chamada especial e a voz dramática do locutor anunciava que Getúlio havia se licenciado por três meses. Tibério ficou mais

agitado ainda, até que novamente alertou o rádio para uma nova notícia importante, de última hora. A notícia agora era ainda mais importante. Getúlio havia se suicidado no Palácio do Catete com um tiro no coração. Tibério ficou estonteado tentando ouvir as palavras do locutor, enquanto lágrimas caíam-lhe pelo rosto. Procurou sua esposa e contou-lhe a novidade. Esta, ao ouvir, caiu em um pranto de choro e essa parece ter sido a reação de todos que iam sabendo da notícia. Apoiadores ou não de Getúlio Vargas, todos pareciam sentir muito o suicídio do “homenzinho de Bagé”.

O suicídio de Vargas se deu no dia 24 de agosto de 1954. Com um tiro no peito, dentro do palácio do Catete, Getúlio julgou ser o suicídio a “solução da vida”, como já havia dito anteriormente. No alto de seus 70 anos, cansado e psicologicamente abalado pelos anos de poder, e se via acuado e enfraquecido, “Getúlio se matou, na certeza de que o mesmo disparo suicida iria prestar-se para sua vingança contra os adversários políticos, encarados como inimigos numa guerra campal motivada pelas ambições de poder” (DÓRIA, 2008, p.115).

Nos instantes seguintes, o único assunto em Antares, assim como de todo Brasil, era o suicídio de Getúlio. Hipóteses, causas, intenções, de tudo era imaginado pelo povo, que parecia não acreditar no acontecido. O país estava comovido, assim como Antares: “Somos todos uns sentimentais, Tibé” (VERÍSSIMO, 1971, p. 100), concluía dona Quitéria.

Os manifestos tomaram conta do país, pondo a culpa do suicídio nos inimigos de Getúlio e até mesmo no ‘imperialismo ianque’. Bandeiras e retratos tomavam as ruas das cidades e em seu velório milhares de pessoas compareceram. Após vinte e quatro horas do acontecido, Tibério já analisava melhor os fatos. Novamente, na roda de chimarrão em frente à Farmácia Imaculada, Tibério conversava com seus companheiros e dizia esse ter sido o maior e último golpe de Getúlio, e teria sido, novamente, mais uma vitória, mesmo que lhe tenha custado a vida. Tibério levou também trechos do jornal que retratavam a carta deixada por Getúlio à população. Tibério percebia que, com o ato e a carta, o ex-ditador lançava-se à história como mártir, vingava-se dos inimigos e achava uma saída honrosa para a situação.

Um amigo perguntou a Tibério se este compareceria ao enterro de Getúlio. Sua mulher, mais tarde, fez a mesma pergunta. Tibério, mais uma vez, apesar de achar que deveria ir, pois lhe devia favores, não foi.

Fato é que com o suicídio, Getúlio recuperou a imagem do getulismo no país, causou imensa comoção nacional, revivendo sua imagem de pai dos pobres, e deixou seu partido, o PTB, em alta novamente. Seus dois novos líderes, João Goulart e Leonel Brizola, estavam dispostos a aproveitar ao máximo o momento de comoção para seus propósitos políticos. O getulismo no país estava notoriamente revitalizado.

2.1. ESTRUTURA DO ROMANCE

O romance *Incidente em Antares* é dividido em parte I e parte II, sendo a primeira parte, a qual este trabalho concentra sua análise, constituída por 197 páginas (de acordo com a edição da editora Companhia de Bolso), que têm por objetivo descrever o nascimento da cidade de Antares, bem como a criação e aspectos sociais de sua população.

Nessa busca em descrever detalhadamente a cidade e sua população, Érico tenta fazer com que o leitor possa situar no espaço a trama, além de ir justificando as maneiras como se comportam, as atitudes que têm e, principalmente, que terão os moradores de Antares, fundamentando, assim, a segunda parte do livro, onde acontece o incidente com os mortos.

A imensa fatia de tempo que é relatada na primeira parte do livro chega a ser, em alguns momentos, cansativa ao leitor, pois abrange um período temporal que compreende desde o Pleistoceno até a ditadura militar, quando ocorre o incidente propriamente dito. Buscando, provavelmente, solucionar este problema, Érico faz uso da metaficção historiográfica, ficcionalizando acontecimentos e personagens históricos, trazendo-os assim para dentro do romance. Fato é que em *Incidente em Antares* a metaficção e a historiografia se encontram no intertexto da obra, pois é através delas que Érico traz informações sobre o

contexto histórico e social do romance. Exemplo disso é Getúlio Vargas, personagem histórico mais desenvolvido no romance e que analisamos neste trabalho de forma específica, que chega a ganhar papel de destaque e relacionar-se com os personagens fictícios do romance, assim como tendo ações que acarretarão consequências para o futuro da trama. As possíveis causas para Getúlio ganhar tanto destaque dentro da trama serão tratadas a seguir.

É já de conhecimento público que a ideia para o romance surgiu a partir de uma notícia sobre uma greve de coveiros que Érico viu em uma revista americana: “tratava-se de uma greve de coveiros em Nova York, com dez ou doze féretros à vista aguardando o enterro. Pensou ele: E se os mortos resolvessem erguer-se e fazer greve contra os vivos? (BORDINI, 2006, p.7). Com isso, sabe-se que a estrutura do romance foi desenvolvida de modo a completar e embasar a ideia do autor.

Contudo, a primeira parte do romance é uma imensa revisão dos acontecimentos históricos para a chegada até o ápice do livro. Retrospectiva histórica que é um fato corriqueiro dentro das obras de Érico Veríssimo, que costuma embasar suas histórias dentro do tempo histórico, além de revisar, de maneira frequente, os acontecimentos mais relevantes da história do Estado ou do País. Seus personagens costumam testemunhar os eventos mais importantes, de modo que Antônio Hohlfeldt escreveu em seu livro *Érico Veríssimo* que “se pudéssemos imaginar um visitante extra-terrestre a chegar em nosso planeta, devendo informar-se sinteticamente dos acontecimentos recentes, bastaria lhe indicar a ficção de Érico Veríssimo.” (HOHLFELDT, 1984, p.35). Entretanto, sua visão de mundo em *Incidente em Antares* esboça mais do que o relato dos importantes acontecimentos; ela descreve, através de seus personagens e de sua ficção, o seu descontentamento com o momento político em que vivia.

Com todos estes fatos, Érico usa de sua genialidade de escritor para, além de conseguir inseri-los em uma história e transformá-los em um romance (a greve dos coveiros e a ideia da levantada dos mortos), transformar este acontecimento em uma alegoria de crítica política e social que tanto desagradava o autor. Assim, a ideia inicial, simples e fantástica, se torna algo mais sofisticado, ou seja, uma forte crítica aos acontecimentos da

época, e, mais do que isso, uma obra atemporal que critica os regimes ditatoriais ou totalitários. Mais ainda, Érico consegue, através de sua literatura fantástica, burlar a censura que vigorava no país na época de edição do livro, e, ainda assim, fazer uma crítica ao próprio sistema. Apesar de clara, a crítica dentro do romance é sutil, e se encontra nas entrelinhas da história, na ironia usada pelo autor e nos personagens do romance, que representam partes específicas da sociedade.

Na segunda parte do romance, a história trata do incidente em si, do fato motivador do livro, o despertar dos mortos, que quando abandonados à espera dos coveiros que estavam em greve, decidem atormentar aos vivos em uma sexta feira 13, de dezembro de 1963. Os sete mortos, apesar de social e economicamente distintos, unem-se com um mesmo propósito, o direito de serem enterrados, nem que para isso tenham que ameaçar e expor os problemas dos vivos. Tudo isso sem deixar de contextualizá-lo em sua crítica política que se dá principalmente através dos personagens do livro, como por exemplo, Tibério e os poderosos da cidade. A cena final do livro é a mais clara crítica às repressões sofridas em decorrência da ditadura militar: algum tempo depois do acontecido com os mortos, a vida em Antares vai voltando a sua “normalidade”, provando que aqueles que estão vivos estão mais mortos do que os verdadeiramente mortos, que até pouco tempo atrás ocupavam o coreto da praça central de Antares, tendo, mesmo com todo o acontecido e toda a verdade derramada, pouca coisa ou nada mudado. Como vimos acima, é neste cenário que um menino, que passa junto ao pai na rua, vê um homem ser preso de maneira enérgica pela polícia. A criança tenta ler a palavra liberdade que está escrita no muro da rua. (muito provavelmente escrita pelo homem que vai preso). O pai do garoto então o reprime e diz para o garoto não dizer tal palavra na rua. Trata-se da palavra liberdade, concluindo e deixando explícita assim toda mensagem trazida ao longo do texto.

Outro fato importante que podemos relacionar à estrutura do romance é a linguagem, carregada de ironia e humor ácido que Érico usa. A ironia como forma de denúncia dos desgostos do escritor, uma crítica aos acontecimentos históricos do passado e até aos então atuais. Se muito desta crítica não fica clara, é nas entrelinhas do romance, sendo muitas vezes, através da ironia, que ela aparece. Recurso que permite que Érico publique seu romance, mesmo em tempos de ditadura militar, passando assim por cima da

censura, como por exemplo, no final do livro, quando o narrador descreve como vai a vida na cidade de Antares, após o ocorrido fantástico com os mortos. O narrador então conta que Antares segue nos rumos da prosperidade, mas como nem tudo é perfeito, alguns cidadãos de má índole andam escrevendo “palavras e frases politicamente subversivas, quando não apenas pornográficas” (VERÍSSIMO, 1971, p.489) , mas para dar conta disto, havia os guardas municipais, onde para descrevê-los, mais uma vez o autor faz uso de sua ironia: “os dedicados guardas municipais, sempre alerta, dão-lhes caça dia e noite.”. Apesar de claro, a crítica, fica restrita à ironia, como por exemplo, neste caso acima citado, pois não há palavras que insultem os guardas municipais.

2.2 OS MOMENTOS HISTÓRICOS NO ROMANCE

O romance *Incidente em Antares*, como já dito anteriormente, constrói, em grande parte de sua extensão, uma espécie de retrospectiva dos fatos históricos e políticos mais importantes do Estado e do Brasil. A ideia de trazer ao romance uma espécie de novo olhar sobre estes acontecidos pode ser explicada de diversas maneiras.

Uma das possibilidades, já aventada, é trazer mais verossimilhança à história e convencer o leitor, principalmente porque, no ápice do livro, os procedimentos de uma literatura fantástica tomam conta da narrativa. Para este leitor que se depararia com o incidente fantástico, a primeira parte do romance, onde todo o nascimento da cidade e de sua população são contatos e depois passando por importantes momentos de nossa história, faria o leitor se situar no tempo e no espaço, se identificar e de certa forma pode até justificar os acontecimentos da segunda parte do livro. Vale ressaltar, aqui, que toda a retrospectiva é condizente com os fatos e acontecimentos históricos de nosso país, com exceção às intervenções dos personagens históricos com os fictícios. Além do incidente em si ser algo de natureza fantástica, a cidade de Antares e seus moradores também são todos de natureza ficcional. Isso não exclui, porém, o fato de que podemos pensar em Antares,

assim como seus moradores, como sendo, de certa forma, uma representação de qualquer outra cidade de médio porte do interior do Rio Grande do Sul, e seus moradores, principalmente os das duas famílias principais, poderem ser comparados a outros poderosos coronéis da época. Antares é de certa forma, uma alegoria do sistema político e econômico da época.

Os outros fatos históricos mencionados no romance são, em sua grande maioria, uma retrospectiva dos fatos políticos do Brasil. As sequências de tomada de poder, as rivalidades entre os partidos, a influência que os poderosos exercem na cidade, todos estão retratados neste imenso jogo de poder. Dentre as retratações, a de maior destaque na história é a de Getúlio Vargas. Getúlio aparece pela primeira vez no romance na página 47, e segue aparecendo em destaque, graças a sua vida política agitada até a página 104. Uma boa explicação para isso se encontra no fato de a trajetória política de Getúlio vir de encontro com a representação do sistema político que vigorava no Estado, representado através das famílias Campolargo e Vacariano. Vindo de uma família também importante do Rio Grande do Sul, Getúlio tem uma imensa caminhada política em busca de poder.

Se compararmos Getúlio com outro personagem histórico, também político, como, por exemplo, Jânio Quadros, a importância de Getúlio na obra é imensamente maior, tendo o segundo, assim como qualquer outro personagem histórico real que apareça no romance, muito menos destaque. Ao realizarmos a comparação entre Getúlio Vargas e outros personagens históricos que aparecem no romance conseguimos compreender melhor o porquê de Getúlio Vargas ser o personagem histórico dentro da ficção historiográfica de maior destaque e justificar o seu estudo neste trabalho. Senão, vejamos.

No que concerne a Jânio Quadro, seu governo teve uma breve duração (sete meses). Nas eleições de 1960, Jânio foi o presidente eleito, mas sua política econômica e externa desagradou aqueles que primeiramente o apoiavam, como as forças armadas e outros segmentos sociais. Assim, em um momento já conturbado de nossa política, Jânio renunciou. Com sua renúncia, João Goulart, seu vice, deveria assumir, mas não foi aceito pelos militares e pelas classes sociais dominantes. Dava-se, assim, início àquele que é um dos momentos mais marcantes e cruéis de nossa história política: a ditadura militar.

Sendo a ditadura militar, com seu governo ditatorial e opressivo, o alvo de boa parte das críticas e ironias do romance de Érico, Jânio, por seu papel histórico, poderia ter um papel de maior importância dentro da obra. Suas primeiras aparições se dão por meio de citações de seu nome, dentro dos diálogos reproduzidos entre Tibério, sempre atento aos movimentos políticos do cenário brasileiro, Dona Quitéria e Zózimo, que já se encontrava no hospital, dias antes de vir a falecer. Diferentemente de quando Getúlio aparece no romance, Jânio não é o foco principal da cena, e sim o inevitável falecimento de Zózimo, e com isso o início do fim de mais uma geração de poder. A temática da política entra na conversa após Tibério passar por certo embaraço ao visitar o amigo no hospital, lugar que odeia, e encontrá-lo extremamente debilitado e aceitando aquela como a última visita e conversa que teriam: “Que é que eu vou dizer?, pensava o visitante. Sabia que o amigo estava perdido. Sua morte era questão de dias, ou talvez mesmo de algumas horas. Tibério sentia que a voz se lhe trancava na garganta. Quitéria salvou-o do embaraçoso silêncio. – Como vai a campanha política?” (VERÍSSIMO, 1971, p. 112).

Seguindo esta sequência de episódios, a retrospectiva política que acompanha a cena, a qual inclui o momento político de campanha e eleição de Jânio Quadros, segue sendo pano de fundo para os acontecimentos na cidade de Antares, principalmente a morte de Zózimo, até o aparecimento de Jânio na cidade, onde foi fazer uma visita de seis horas. Nessa breve aparição, ele visita as duas famílias mais importantes da cidade. Nestas visitas chegam a ocorrer diálogos entre o personagem real histórico e os ficcionais, como Dona Quitéria e Tibério. Este último mostrou-se desconfiado com o então candidato à presidência, trazendo, assim, as principais suspeitas e comentários que se realizam sobre o futuro presidente: “Ouvira os mais inquietantes rumores a respeito do Dr. Jânio. Seus inimigos diziam-no um farsante, um demagogo, e havia até quem afirmasse que seu truque eleitoreiro preferido era o de fingir de homem humilde (...)” (idem, p.121). Na sequência da cena, acontece um breve diálogo entre o candidato e Tibério, que tenta perceber mais sobre a personalidade de Jânio, e, principalmente, de que maneira ele pretende governar, para depois não se arrepender. Tibério sai da conversa sem conseguir compreender ou sem saber o que pensar sobre aquele homem.

Aqui, mais uma vez, conseguimos perceber, através do personagem de Tibério, o novo momento político e econômico do Brasil. Se antes Tibério estava sempre junto ao cenário político, sendo alguém que os candidatos consideravam importante, alguém que poderia ser essencial para a eleição de algum candidato e, por isso, por esse poder, estava sempre a par do cenário político e dos próprios partidos e políticos, agora Tibério já não é mais uma figura tão importante. O cenário político mudava e ele, assim como as demais famílias poderosas de outrora, ia perdendo espaço, que era cada vez mais marcado por outros tipos de poder, que acompanhavam a modernização da sociedade. Mais do que a decadência do poder político dos gaúchos, Érico retrata a decadência política dos poderosos de antes, de sistema político patriarcal que perde espaço. Apesar de toda essa decadência, é válido observar como a sociedade de Antares custa a observar este fato, tratando ainda com muita importância os não mais tão poderosos, mostrando-se incapaz de observar as mudanças, ou observando-as muito lentamente. A mesma sociedade que Érico mostra estar mais morta que os próprios mortos do coreto.

Voltando a Jânio, se compararmos a participação dessa figura histórica com a figura de Getúlio na trama, podemos já perceber algumas diferenças. Se, por um lado, Jânio aparece, primeiramente, de maneira secundária, Getúlio, por outro lado, aparece como protagonista da ação, quando já chega pessoalmente a Antares, com uma motivação especial que tem por acarretamento a mudança no rumo da história, sendo ainda, reflexo da mudança que o sistema político e econômico da época estava sofrendo. Além disso, os diálogos que Getúlio tem com os personagens ficcionais são mais intensos e decisivos na formatação do modo como as famílias locais vão relacionar dali em diante, mudando completamente a noção do leitor a respeito de como ele deverá encarar os episódios dali para frente.

Jânio segue aparecendo ou sendo citado em mais aproximadamente dois capítulos, onde dá-se sequência aos fatos da renúncia e os novos e turbulentos momentos que se seguiram. Em um destes momentos, onde Tibério critica a postura de Jânio ao ler suas declarações, o já ex-presidente se compara ao próprio Getúlio Vargas, em seu ato de ter tido que renunciar: “Fui obrigado a renunciar. Um dia voltarei, como Getúlio”

(VERÍSSIMO, 1971, p.133). Jânio então vai saindo de cena e vai entrando, desta vez, a retrospectiva histórica do movimento da legalidade.

Certo é que Getúlio Vargas foi governante por muito mais tempo que Jânio Quadros, fato que pode justificar sua maior importância dentro do romance. Não obstante, outro fato que pode justificar esta importância é o fato de Getúlio Vargas ser gaúcho, oriundo de uma família importante do estado e conterrâneo de Érico, assim como das duas famílias protagonistas do romance. A família de Vargas, de certa forma, tem sua história comparável às duas famílias mais importantes de Antares, obtendo, desta forma, uma identificação com a história e a evolução das famílias patriarcais do estado e seu comportamento junto ao desenvolvimento político e econômico do Estado. Famosa moradora da fazenda de Itu, em São Borja, a família Vargas sempre teve uma intensa carreira militar dentro do estado, onde seu pai, Manuel, participou da Guerra do Paraguai “que iniciou a invasão da Província do Rio Grande do Sul pelo município de São Borja” (DÓRIA, 2008, p. 83). Getúlio teve no pai uma fonte de inspiração e apoio para dar seus primeiros passos, primeiramente na carreira militar e futuramente, na política. Se aqui, percebemos a importância da família de Vargas, podemos compará-la às famílias poderosas do romance, que também eram reconhecidas na região, tinham seus integrantes masculinos participando de batalhas, obtinham vantagens para com setores importantes, devido ao seu poder, justificando suas semelhanças. Vale também ressaltar aqui a nota que Érico registra em seus livros, em nota do autor, onde declara que as localidades e personagens imaginados estão disfarçados sob nomes fictícios, e os que realmente existiram, com seus nomes verdadeiros. (VERÍSSIMO, 1971, p. 6)

Com isso, justificamos em parte a importância dada a Getúlio Vargas dentro dessa obra, principalmente se comparado a outros personagens históricos. Outra provável razão para o fato de Érico se valer de personagens históricos e da metaficção historiográfica dentro do seu romance, em específico na primeira parte, é o fato de crer que uma história não deve ser uma simples história, assim como a arte (no caso, a literatura) não deve ser feita apenas de tendência. Érico costumava ser descrito como um “contador de histórias”, descrição inicialmente pejorativa; sendo aceita depois pelo próprio autor, Érico Veríssimo achava que o papel de um escritor era revelar, dentro de suas histórias, os problemas do

mundo. Érico, de certa forma, negava a arte pela arte. Segundo suas palavras, “Confesso que não tenho também nenhuma simpatia pela arte que se encerra numa torre de marfim e ignora o mundo sob o pretexto de que ela é alta demais, bela demais, pura demais para ser entendida pelo povo” (HOHLFELDT, 1984, p.42). Para o autor, sua obra deveria ser uma espécie de testemunho constante sobre os acontecimentos do mundo, levando-a, assim, a ser uma espécie de “memória para as gerações futuras”. Escrever suas obras tinha um papel maior do que simplesmente fazer arte, fazer literatura. Este era para ele também um papel de denúncia social, de modo que seus livros funcionariam como armas, e ele poderia lutar contra as desigualdades, a violência, e todas as outras injustiças do mundo que tanto o incomodavam: este seu ideal de como fazer literatura e de certa forma também a explicação de como desenvolve seu trabalho de autor fica explícito em inúmeras entrevistas prestadas pelo autor e em estudos feitos sobre o mesmo.

Desde que adulto, comecei a escrever romances, tem me animado até hoje a ideia de que o menos que um escritor pode fazer numa época de atrocidades e injustiças como a nossa, é acender a sua lâmpada, fazer luz sobre a realidade do seu mundo, evitando que sobre ele caia a escuridão, propícia aos ladrões, aos assassinos e aos tiranos. Sim, segurar uma lâmpada a despeito da náusea e do horror. Se não tivermos uma lâmpada elétrica, acendamos nosso toco de vela ou, em último caso, risquemos fósforos repetidamente, como um sinal de que não desertamos nosso posto. (HOHLFELDT, 1984, p. 41)

Ou como podemos verificar no posfácio do livro: “O romance, além de ser uma visão crítica e profunda da sociedade brasileira, insiste na tese de que é dever de todo escritor *dar testemunho* sobre seu tempo, pois a liberdade é e sempre será a matéria-prima das artes e do pensamento.” (BORDINI, 2006, 491).

Em *Incidente em Antares*, a crítica política e social é clara e evidente, mas o romance não perde suas qualidades literárias, nem suas qualidades apenas como estória, muito pelo contrário, Érico soube se aproveitar da estória que conta para através dela realizar uma crítica política, e ainda por cima, driblar a fiscalização do governo militar que durante a época de lançamento do livro censura tudo que considerasse ofensivo à nação e ao governo.

* * *

Ao repensar todos estes fatos, muitos trazidos pelo próprio autor, podemos relacioná-los com a obra que analisamos neste trabalho, assim como dar início à análise de alguns personagens que são determinantes para a sequência narrativa. Se para Érico, sua literatura não deveria ser simplesmente arte pela arte, e sim algo que contribuísse para os problemas sociais do país, podemos, então, localizar dentro da retrospectiva histórica de *Incidente em Antares*, dois fatores: o primeiro, o de lembrar acontecimentos marcantes, como as opressões dos poderosos, o descaso, as disputas de poder que envolvem todos os acontecimentos políticos; em segundo lugar, mas não menos importante, a clara e principal crítica do livro, que se focam nas opressões sofridas pela população, frutos das ditaduras e dos regimes totalitários.

Sabe-se, pelo tempo em que a obra foi escrita, e por seu conteúdo, que ela é uma grande alegoria contra a ditadura militar, mas não somente, contra todas as formas de ditaduras opressivas que afetam o ser humano em um dos seus princípios básicos, a que tanto Érico presava, a liberdade. Neste contexto, podemos entender melhor a importante participação de Getúlio Vargas dentro da obra. Durante o governo de Vargas, os adversários políticos e a imprensa que não apoiasse o governo, assim como todos que não concordassem com as realizações políticas, eram perseguidos. Simpatizante dos governos totalitários e fascistas, Vargas ia criando maneiras de eliminar seus adversários e fortificar sua imagem como “pai dos pobres” e conquistou o apelo popular que almejava.

Aqui, a população oprimida - que em sua grande maioria não percebia as ambições e muitas vezes nem sequer a repressão sofrida durante o governo Vargas (ao contrário, tinha por ele uma imensa simpatia) - se reflete na população de Antares, principalmente nos vivos, mas mortos, mortos de forças para mudar as situações problemáticas, mortos para perceberem os problemas e a podridão que os cerca, mortos para perceberem seus direitos e lutarem por ele.

Outro grande motivo de revolta e desgosto da vida de Érico, e que acaba sendo retratado em suas obras, assim como em *Incidente em Antares*, são os preconceitos e a marginalização dos oprimidos, entre eles os pobres, as mulheres e os negros. A Érico sempre perturbou o fato de perceber que as pessoas não eram tratadas da mesma maneira e com os mesmos direitos em nosso país. Esses desfavorecidos e esse preconceito estão presentes na maioria de suas obras, e aqui, na obra em que este trabalho estuda, não é diferente. Os pobres de Antares, principalmente os moradores da favela Babilônia, vivem em um mundo à parte, em condições praticamente animais. Durante todas as trocas de governo relatadas durante o retrospecto político que Érico faz ao longo da obra, pouca coisa ou nada muda na vida dessa pobre gente. Um dos poucos personagens do livro que se importa com eles é o padre Pedro-Paulo, que, por seu trabalho junto à vila, é acusado de comunista. Os ricos fingem não ver as extremas necessidades em que vivem essa gente, cegos (ou mortos) aos problemas alheios, pensando única e exclusivamente em manter ou aumentar seu poderio.

Se Getúlio Vargas se intitulava “pai dos pobres”, pouca coisa realmente mudou para o povo da Babilônia, e, pior, o pouco que mudava desagradava em muito aos ricos e poderosos, que consideravam, assim, estar perdendo dinheiro. Após a morte de Vargas, quando a população chorava a morte de seu presidente, Tibério retratou cruelmente aquilo que já era claro: “Os pobres vão continuar tão pobres como no tempo em que ele estava vivo” (VERÍSSIMO, 1971, p. 98), prova de que, ao menos aos olhos do protagonista do romance, não era cegueira que lhe afligia, mas indiferença aos problemas dos outros, provavelmente um tipo muito mais grave do que simples cegueira.

Já as mulheres, com exceção de Dona Quitéria, são submissas aos seus maridos, alienadas do mundo, preocupando-se exclusivamente com o bem da própria família e do marido, retrato fiel de uma sociedade extremamente patriarcal que imperava no Estado. Se por um lado, temos a maioria das mulheres submissas, Érico não deixa de nos presentear em seus romances com personagens femininas fortes, atípicas para a época, que buscam quebrar as barreiras de um padrão social que tanto incomoda ao autor e a tantos.

Além de Dona Quitéria, temos também do romance a personagem de Valentina, mulher do Dr. Quintiliano, que questiona sua vida, assim como a seu próprio marido, suas atitudes e ações. Apesar de ser um avanço para a época, é, ainda assim, como chamada na própria obra, uma “pantera açaimada” (VERÍSSIMO, 1971, p. 424), pois não consegue se libertar de todo o sistema que consegue, ao menos, identificar. As mulheres de classe baixa, por sua vez, estão em geral marginalizadas, como a prostituta Erotildes, que apesar da vida sofrida que leva, mostra enorme grandeza de caráter.

Outros personagens que sofrem preconceito e que são declaradamente perseguidos pelos conservadores, pela classe social dominante, são os esquerdistas, os acusados de comunismo, pois buscam mais igualdade entre as classes sociais de Antares, e um mundo mais justo. Entre eles estão o padre Pedro-Paulo, Barcelona, o Professor Martim Terra, Joãozinho Paz, entre outros. Dentre estes personagens dois ganham mais destaque quando analisamos o romance como uma crítica social, são eles o professor Martim Terra e Joãozinho Paz.

Joãozinho é o personagem que retrata a violência da opressão em um regime totalitário em última instância, quando acaba sendo morto pelo delegado de Antares. Torturado até a morte por ser acusado de comunismo e de possuir um grupo de subversão comunista, que na verdade nunca existiu, deixando clara a verdadeira versão da história, ele se torna um dos mortos que se ergue dos caixões para ir até a praça central e relatar dentre outras coisas, a verdade sobre sua morte para a população de Antares.

Já o professor Martim Terra não se declara comunista, mas é assim acusado pelo simples fato de se interessar pela sociedade e se importar com os excluídos. Com ele é que primeiramente conseguimos saber sobre a cruel vida dos moradores da Babilônia, o que o deixa aterrorizado, reservando uma parte especial do livro produzido por ele e seus alunos sobre a cidade de Antares e sua população, fazendo do seu livro, intitulado *Anatomia de uma cidade gaúcha de fronteira*, também uma denúncia social. Contudo, o professor é afastado da universidade durante a ditadura, acusado de comunismo. O personagem de Martim Terra é, para alguns críticos (BASTOS, 2008), um *alterego* de Érico Veríssimo, e, para outros, apenas um personagem que muito se identifica com o pensamento do autor. É,

também, dentro do romance, uma das vozes narrativas, onde traz muitos registros, principalmente através de seu diário.

Érico se utiliza da ferramenta deste personagem, um professor universitário e de sua pesquisa antropológica para o curso de ciências sociais da universidade, para falar sobre o comportamento da população de Antares. A cidade fictícia é, no romance, escolhida aleatoriamente pelo professor, que leva alguns de seus alunos para realizar a pesquisa, que gerará um livro. Ao mesmo tempo em que seus alunos registram sua pesquisa para o futuro lançamento de um livro, Martim registra suas impressões em um diário de suas impressões, que aparece no livro ao final da parte um, fechando esta parte que situa geográfica, histórica e politicamente o leitor sobre a cidade aonde virá a acontecer o fatídico incidente. Assim como Érico, o professor Martim é um grande humanista, avesso às violências e às opressões e preocupado com os desfavorecidos. É Martim que, antes dos mortos, faz o primeiro julgamento dos “vivos” de Antares.

Outro personagem que transmite ao leitor a mensagem do autor é o jovem padre Pedro Paulo, “jovem e idealista, que não se curva ante a incompreensão dos poderosos do lugar, e nem mesmo ante o conservadorismo do padre Gerôncio, seu colega de batina mais velho, está sempre disponível para dizer as verdades contundentes que o narrador deseja que cheguem ao leitor” (BASTOS, 2008, p. 20).

* * *

Encerrada esta breve análise dos personagens que, de certa maneira, transpõem os pensamentos idealistas sobre as principais temáticas contidas na obra, temos os mortos, os verdadeiros denunciadores da “podridão” dos vivos. Estes mortos, que “têm por missão parodiar o processo de constituição da *verdade* histórica” (BASTOS, 2008, p. 23), são os que denunciarão para toda a cidade as verdades, criando-se um momento de julgamento, onde são “os mortos quem julgam os vivos” (idem, *ibidem*):

O julgamento faz-se como arremedo paródico de uma prática respeitável dos vivos. Desenrola-se não nos limites austeros de um tribunal regular, mas em espaço aberto, sob a luminosidade de um dia de sol radiante, ante uma plateia livre nas suas manifestações mais espontâneas de indignação e desprezo, sob a condução de um promotor – o Dr. Cícero Branco, munido de provas documentais e testemunhais, além da força do próprio depoimento, tendo sido ele, em vida, integrante do grupo dos poderosos corruptos. (idem, p. 24)

E, assim, através daqueles que normalmente não poderiam mais falar, muitas das críticas são feitas, de maneira mais clara do que com qualquer outro personagem anteriormente citado, trazendo um papel importante aos mortos, não deixando que eles sirvam apenas para assombrar os vivos, mas também ter um papel de crítica social, e deixando clara, mais uma vez, a divisão social da cidade de Antares.

2.3 A QUESTÃO DA LIBERDADE

Se, por um lado, na segunda parte do romance, Getúlio praticamente desaparece da história e o cenário político já é outro, a causa motivadora e conclusiva de Érico, a liberdade (ou a falta de), tem sua problemática iniciada com Getúlio Vargas, na ditadura que ocorre em sem governo. O autor do romance sempre declarou-se um liberal por natureza e sempre declarou em entrevistas que era principalmente contra a qualquer tipo de violência e opressão que o ser humano pudesse sofrer.

Quando, no Brasil, a então “falta de liberdade” começa a ocorrer, inclusive dentro da literatura e das artes, onde muitas obras acabam censuradas, Érico então resolve trazer a temática para dentro de seu livro, e é em *Incidente em Antares* que ela aparece de maneira mais clara.

Dentro do romance, a questão da liberdade é abordada desde a primeira parte, iniciando-se dentro da ditadura de Getúlio Vargas e mostrando o conservadorismo das famílias dominantes, que demonstram achar bom este tipo de opressão, para o momento

final, onde o golpe militar é algo iminente, e com ele a falta de liberdade do regime. O professor Martim Terra deixa clara a perspectiva do golpe, para os próximos dias:

Antes de cinco ou seis meses, se tanto, teremos um golpe de direita ou de esquerda, com a participação do Exército. Vença o lado que vencer, haverá sempre uma grande vítima: as liberdades civis. (VERÍSSIMO, 1975, p. 451)

E, como previsto pelo personagem, este momento chega, e fica evidente através da última cena do livro, já anteriormente citada.

É juntamente neste momento que entra, de fora mais clara, a opinião política de Érico, que apesar de não deixar claro, mostra, através de seus personagens e de sua obra, o seu descontentamento. Érico foi sempre muito criticado por não ser filiado a partido político, em uma época onde quase todos os escritores estavam vivendo intensamente o cenário político da época. Em diversas entrevistas prestadas na época, Érico comenta o assunto, e deixa claro seu pensamento:

Para principiar, direi que só quem pode e deve decidir sobre o comportamento político do escritor é o próprio escritor. Se ele quiser permanecer alheio a todos esses problemas e inquietações na sua Torre de Marfim e puder viver sem remorsos nessa ausência do mundo, que o faça e tenha bom proveito. Rechaço a ideia de que o escritor deve estar necessariamente a serviço dum partido político, mas aceito a de que ele possa fazer isso, se assim entender. Fala-se muito em literatura engajada. Repito mais uma vez que a meu ver o engajamento dum escritor deve ser com o homem e a vida, no sentido mais amplo e profundo destas duas palavras. (VERÍSSIMO, 1967, p. 167)

Nesta entrevista, fica claro que para Érico sempre foi o importante a causa humanista, que, além de sua vida, está presente em sua obra. Para o autor, mais importante que lutar contra um partido político, era lutar contra os problemas da humanidade.

Dentre estes problemas, a liberdade é o tema em questão dentro de *Incidente em Antares*. Apesar de a opressão sofrida em alguns momentos da história política do Brasil ser um problema sofrido pelo homem, não há como desassociá-lo do momento político em

questão. Assim, trazendo a temática da liberdade, Érico ao mesmo tempo faz uma crítica política à ditadura militar e a outras formas de governos totalitários.

3. CONSIDERAÇÕES FINAIS

Ao encerrar este trabalho, conseguimos chegar a conclusões que buscávamos sobre a obra *Incidente em Antares*, e, mais precisamente, sobre o papel do personagem Getúlio Vargas dentro da obra.

Dentro de *Incidente em Antares*, assim com em outras obras de Érico Veríssimo, há a mistura de ficção com história. Como já visto antes, na primeira parte do livro há uma grande retrospectiva da história política do Brasil, fazendo com que muitos personagens históricos apareçam, sejam citados, ou até mesmo, virem personagens do romance, como é o caso de Getúlio Vargas.

Entre as diversas razões com as quais podemos tentar justificar essa mistura de ficção e história, dentro do romance aqui analisado, verificamos que o fato de dar credibilidade à história é um dos mais prováveis. Sendo a grande causa motivadora da obra, o incidente em si, um fato inverossímil, de mortos reanimarem-se e decidirem voltar à praça central da cidade, para protestar contra os vivos, o autor busca trazer essa situação para algo possível à imaginação do leitor. Assim, Érico começa a obra trazendo toda a história de Antares e de seu povo, que nada mais é do que uma grande alegoria de outra cidade de médio porte do interior do Rio Grande do Sul, assim como o comportamento de sua população, uma alegoria ao comportamento geral da sociedade. Fazendo com que seus personagens revivam fatos históricos marcantes da vida política do Brasil, eles vão se tornando mais familiares ao leitor, e deixando o fantástico mais verossímil.

Outro grande motivador da combinação de história junto à ficção é, como já visto neste trabalho, a busca do autor em pôr dentro de suas obras os problemas sociais mais imediatos, fazendo, assim, com que suas narrativas tivessem alguma temática social, que

fizesse o leitor refletir ao lê-la. Sendo assim, a retrospectiva histórica, exemplifica, de certa forma, o ponto histórico culminante da obra, a ditadura militar, para assim, finalizar a crítica maior de sua obra, a falta de liberdade.

Nestes dois pontos, a figura de Getúlio Vargas é de extrema importância. Primeiramente, por ser o personagem histórico real que tem maior participação na história. Getúlio chega a ser um personagem da obra, com diálogos, ações de importância relevante, etc. Sua participação, e principalmente, sua relação com os personagens fictícios, traz mais verossimilidade à obra.

Em outro momento, Getúlio é também muito importante dentro do contexto de crítica social e crítica à falta de liberdade que há na obra. Sendo a ditadura de Vargas descrita quase que minuciosamente na primeira parte do livro, fica claro que é neste momento que a população brasileira sobre uma de suas primeiras opressões de caráter governamental dentro do Brasil república. Mais do que simplesmente mostrar a opressão deste momento, Érico faz uso de seus personagens fictícios principais para mostrar como a sociedade se comportava diante disso, e como as famílias mais poderosas, tais como as protagonistas da obra, chegavam a achar positiva essa opressão, deixando claro seu caráter de extremo conservadorismo político, social e econômico.

Como já mencionado anteriormente, Getúlio é o personagem histórico com maior participação na obra. Quando comparado a outros, sua relevância é muito maior dentro da sequência do romance. Dentre as hipóteses levantadas, as que mais se justificam são as de primeiramente, Getúlio ser um político gaúcho, com um tempo de governo muito grande, e principalmente, sendo em seu governo, a primeira amostra de totalitarismo e opressão. É em seu governo ditatorial que a censura e a falta de liberdade tomam um espaço preocupante para o direito de liberdade dos cidadãos brasileiros.

Com a análise destes fatores, percebemos que Getúlio Vargas e os ideais de romance que Érico buscava para *Incidente em Antares* se completam e se entrecruzam. A questão da liberdade, o comportamento dos poderosos durante seu governo, o caminho político do Brasil até culminar na ditadura militar, a áurea de mistério que envolve a figura lendária de Getúlio, a verossimilhança buscada pelo autor para equilibrar com os

acontecimentos fantásticos da obra, são todos fatores que elevam Getúlio para um papel de relevância dentro da obra *Incidente em Antares*.

Outro aspecto comprovado ao se analisar de maneira mais precisa o personagem de Vargas, é o de que suas atitudes são, em geral, condizentes com os fatos históricos, principalmente os de caráter político, tais como seus cargos ocupados, as datas, seu suicídio, etc., mostrando, mais uma vez, a importância em ser Getúlio um personagem verídico dentro da história. Sua história diverge apenas quanto à relação com os personagens fictícios da trama, e suas idas a Antares, sendo estas obras da ficção, mas não chegam a ser algo inverossímil, pois se tratando de Antares e seus personagens de uma alegoria do Brasil, eles são apenas uma forma de representar um comportamento que certamente acontecia na época, entre políticos e poderosos das cidades.

Sendo assim, Getúlio Vargas traz a metaficção historiográfica para dentro de *Incidente em Antares*, misturando o histórico e o ficcional para que Érico pudesse contar a história fantástica dos mortos insepultos e através deles, juntamente com a retrospectiva histórica, pudesse fazer sua crítica à opressão e a falta de liberdade, uma causa central para o momento do lançamento da obra, mas que para Érico, assim como para muitos outros, uma causa atemporal, que sempre está presente entre os conflitos dos homens.

BIBLIOGRAFIA.

BASTOS, Alcmemo. **O Jogo do Real e do Irreal em *Incidente em Antares*, de Érico Veríssimo.** Revista Diadorim, Rio de Janeiro, 2008.

BENJAMIN, Walter. **Magia e técnica, arte e política: ensaios sobre literatura e história da cultura.** São Paulo, Brasiliense, 2012.

BORDINI, Maria da Glória. **Sobre Incidente em Antares, Um libelo pela liberdade.** 2006. Posfácio In: VERÍSSIMO, Érico. *Incidente em Antares*, 1971, Companhia de Bolso, São Paulo, 1971.

CHAVES, Flávio Loureiro. **Érico Veríssimo: realismo e sociedade.** Editora Globo, Porto Alegre, 1976.

CHAVES, Flávio Loureiro. **Érico Veríssimo, o escritor e seu tempo.** Pallotti, Porto Alegre, 1996.

DÓRIA, Pedro Ricardo. **Getúlio, FHC e Lula, Devoção Popular e a Santíssima Trindade.** Juruá editora, Curitiba, 2008.

FAUSTO, Boris. **A revolução de 1930, historiografia e história.** Editora brasiliense, São Paulo, 1970. 13ª reimpressão.

HENRIQUES, Affonso. **Ascensão e Queda de Getúlio Vargas, o estado novo.** Distribuidora Record, Rio de Janeiro, 1966.

HOHLFELDT, Antônio. **Érico Veríssimo.** Porto Alegre, Tchê!, 1984.

HUTCHEON, Linda. **Narcissistic Narrative, the metafictional paradox.** New York : Methuen, 1985.

HUTCHEON, Linda. **Poética do Pós- Modernismo.** Imago editora, Rio de Janeiro, 1991.

INDURSKY, Freda. **Discurso, memória, identidade.** Porto Alegre, Sagra Luzzatto, 2000.

PESAVENTO, Sandra Jatahy. **Érico Veríssimo: o romance da história: artigo e entrevista inéditos de Antonio Candido sobre o autor de O tempo e o vento.** São Paulo, Nova Alexandria, 2001.

SILVA, Márcia Ivana de Lima e. **A Gênese de Incidente em Antares.** Porto Alegre, EDIPUCRS, 2000.

VERÍSSIMO, Érico. **Incidente em Antares.** Prefácio Maria da Glória Bordini. São Paulo, Companhia de Bolso, 1971.

VERÍSSIMO, Érico. **A liberdade de escrever: entrevistas sobre literatura e política.** Porto Alegre, Ed. da UFRGS, 1997.

ZISMANN, Tatiana. **Getúlio Vargas em mundo de ficção: a persona histórica e seus múltiplos ficcionais.** Tese de doutorado, Universidade Federal do Rio Grande do Sul, Porto Alegre, 2012.